



ENTRELAÇANDO GÊNERO E SEXUALIDADES NOS PROCESSOS EDUCATIVOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Elizabeth Aparecida Alves Roquini¹
Kátia Batista Martins²

Resumo

Neste estudo buscou-se investigar por meio Pibid Pedagogia, como as questões de gênero e sexualidades estão inseridas na escola, pesquisando com crianças na faixa de 9 a 11 anos de uma escola estadual de Lavras/MG. Para tanto, foram realizadas oficinas tendo a literatura como ferramenta metodológica. A história selecionada foi *O menino que ganhou uma boneca* de autoria de Majô Baptistoni. Percebemos que o sexismo entre as crianças é latente. A leitura do livro suscitou discussões diversas e por estas, aferimos intolerância por grande parte dos meninos em brincar com bonecas. Durante as atividades observamos nas representações das crianças a influência da cultura que reforça a todo instante a diferença de gênero e a necessidade da inserção da educação para as sexualidades e gênero no cotidiano das escolas.

Palavras chave: Pibid Pedagogia. Gênero. Anos iniciais. Ensino fundamental.

Tecendo os caminhos


Inserir a relação de gênero no contexto da Educação significa educar meninas e meninos dentro de uma perspectiva de igualdade de relações e direitos. Abarcar a temática gênero e as sexualidades é desafiador. Michel Foucault (1998), descreve a sexualidade³ como um dispositivo histórico, ou seja, algo que foi inventado pela sociedade ao longo da história por meio das culturas em tempos e lugares diferentes, tendo em vista que essas questões despertam sensações diversas, entre elas a curiosidade das crianças, e muitas vezes o preconceito e o temor do adulto, deixam de discuti-la por medo e/ou falta de informação.

¹ Pedagoga e mestranda em Educação pela Universidade Federal de Lavras. Bolsista do Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade UFLA (2013-16).

² Orientadora. Coordenadora Adjunta do Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade (2016-18). Universidade Federal de Lavras. Integrante do grupo de pesquisa: relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente, e o Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Infâncias e Educação Infantil - Nedi. katiapedagogiaufcla@gmail.com

³ Embora assumimos neste texto o termo sexualidades no plural, em alguns momentos esse termo aparece no singular devido a questões conceituais. Michel Foucault fala do conceito no singular, de uma sexualidade que vem sendo construída histórica, cultural e socialmente. Cláudia Ribeiro e Ricardo Castro, estudioso/a de Foucault, apontam que o termo está mais para o plural do que para o singular, considerando os próprios estudos de Foucault, que sugerem uma sexualidade que varia de acordo com seu período histórico e também numa diversidade de práticas de si, que tornam essa sexualidade em uma multiplicidade de desejos, expressões, repressões, jeitos de ser e estar no mundo (RIBEIRO; ALVARENGA, 2014).





Dialogar sobre esses temas com as crianças perpassa pela compreensão de que as pessoas estão em constante processo de construção, inclusive das sexualidades, desde o nascimento. Esse processo não cessa em tempo algum. Possibilitar às crianças experiências para que possam transitar por esse caminho de forma que descubram suas próprias repostas por meio de vivências, trocas e subjetivação é mais significativo que impor verdades e ditar o que é certo ou errado.

Dessa forma, o Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade, da Ufla, composto por estudantes do curso de Pedagogia presencial e a distância, propôs uma oficina para problematizar com as crianças, questões sobre gênero, de forma lúdica e interativa. Contudo, devido ao limite de páginas, serão descritos apenas alguns dos momentos da oficina para que possamos dialogar de forma analítica.

Vivenciando a prática

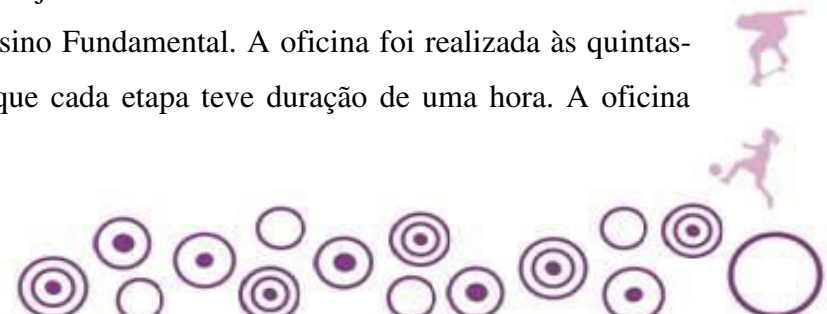
Para Vera Maria Candau (1999), oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. A oficina abordou de forma intencional as questões de gênero entrelaçadas com as sexualidades. Sabe-se que as diferenças de gênero, são decorrentes da cultura, e que essa muitas vezes ensina às crianças, desde o nascimento, que devemos conviver em sociedade de maneira distinta como menina ou menino e com comportamentos padronizados correspondentes a cada sexo.

De acordo com Daniela Finco (2010, p. 4), meninos e meninas desenvolvem seus comportamentos e potencialidades a fim de corresponder às expectativas de um modo singular e unívoco de masculinidade e de feminilidade em nossa sociedade.

Sabemos que o gênero não marca apenas diferenças nas relações entre meninos e meninas, homens e mulheres, mas imprime sobre os corpos modos de serem, comportamentos e atitudes que se traduzem em desigualdades.

A partir daí surgiram nossas inquietações sobre brinquedos e brincadeiras ditos de meninos e meninas. Os brinquedos e brincadeiras na infância com suas simbologias, intenções e expectativas interferem ou não na construção das identidades de gênero? A sociedade e a família interferem na escolha dos brinquedos e das brincadeiras?

A partir desses pressupostos, o objetivo deste estudo foi refletir sobre uma oficina realizada com crianças do 4º ano do Ensino Fundamental. A oficina foi realizada às quintas-feiras e foi dividida em etapas, sendo que cada etapa teve duração de uma hora. A oficina completa totalizou quatro horas.





O primeiro contato

Muito rico o processo de contação da história. As crianças interrompiam para fazer comentários e perguntas e associavam algum acontecimento com seu cotidiano, outras davam sua opinião “quem brinca de boneca é baitola”, disse logo um menino criticando o personagem da história. Outro em seguida: “eu tinha um amigo que era homem e virou mulher”. Mas a surpresa partiu de outra criança quando cita as palavras *bissexual* e *sapatão*.

Todas queriam participar e se envolver com os acontecimentos da história, eu já “papariquei” um bebê – a minha irmã, disse um menino.

- *Marica!* Exclamou uma menina. *Isso é coisa de menina.*

- *Ai que legal!* Um menino se entusiasmou quando o personagem da história (Paulinho) havia pego a boneca no colo.

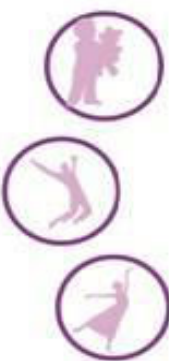
Por meio desta atividade percebemos que as falas das crianças circulam por muitas verdades construídas; não contamos simplesmente uma história, mas desencadeamos intencionalmente coisas ditas e ocultas, exposição das crianças aos diversos saberes de cada uma delas. O medo da homossexualidade, por parte dos meninos, era explícito. A maneira de ver o mundo está associada a uma ordem moral e valorativa, identificando e conformando diferentes comportamentos sociais, com propriedades invulgares: de marcar corpos, criar posturas e determinar atuações. Sendo isso resultado da operação de uma determinada cultura sobre o indivíduo, ou seja, somos produtos de uma herança cultural, que nos forma e é formada por nós, o que nos dá uma visão de mundo toda própria.

Percebemos que cabe ao/a educador/a, por meio da intervenção pedagógica, propiciar atividades significativas que levem as crianças a desenvolverem a capacidade crítica e reflexiva. Para isso é necessário que esse reflita sua prática pedagógica percebendo a criança como mais que um mero executor de tarefa, mas que para uma aprendizagem significativa é preciso ter prazer em aprender, por isso o brincar é aliado da construção do conhecimento, e é o/a professor/a o responsável por esse direcionamento.

Tecendo sentidos

Em outro momento, as crianças foram convidadas a fazer a representação do corpo, usando a criatividade e a imaginação. Em seguida escreveram o que acham de bom em serem menino e o que acham de bom em ser menina.





Figuras 1 e 2 – brincando com o corpo por meio do desenho



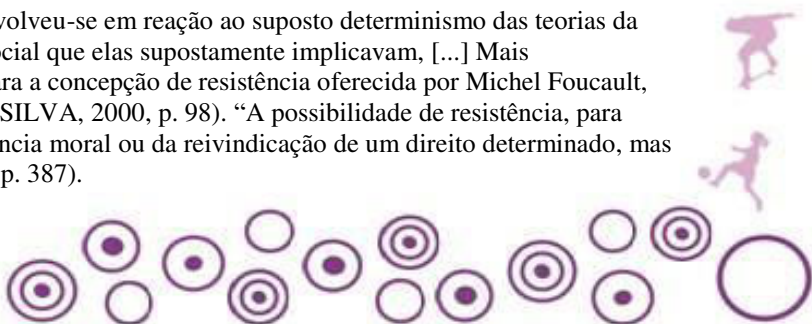
Foto: Acervo pessoal.


Esta atividade teve como objetivo oferecer possibilidades para que as crianças se expressassem de forma diferente sobre o corpo. Uma vez que desconstruir os padrões pré-estabelecidos pela sociedade, voltados às representações de gênero, por meio de jogos e brincadeiras é desmistificar as práticas engessadas, é construir a igualdade nas brincadeiras.

Um dos grupos, por meio do jogo tiraram 2 ou 1 para decidir se iriam desenhar uma menina ou um menino, teve cara feia, discussão e resistência⁴. As meninas queriam desenhar uma menina, e os meninos queriam que o personagem do desenho fosse menino, em alguns grupos a maioria era menina, mas nem por isso o desenho foi menina. Dos cinco grupos formados apenas um desenhou menina. Um dos grupos se justificou e disse que iniciaram o desenho pela cabeça, assim viram que estava mais parecido com menino e logo desenharam o corpo com vestes e características que eles julgavam ser de menino. Outro grupo decidiu desenhar um menino e as meninas integrantes do grupo fizeram um monte de desenhos de florzinhas ao lado do desenho de menino.

Em um dos desenhos que estava se iniciando, perguntei se iria ser menina ou menino e uma criança indagou: *é menina, não tá vendo os cílios dela?* Respondeu. Os cílios são longos e está de lado por causa do lápis que passou no olho. Já um menino falou que se fosse

⁴ “Na teoria educacional crítica, o conceito desenvolveu-se em reação ao suposto determinismo das teorias da reprodução e à visão passiva da ação humana e social que elas supostamente implicavam, [...] Mais recentemente, algumas análises têm-se voltado para a concepção de resistência oferecida por Michel Foucault, para quem o poder implica, sempre, resistência” (SILVA, 2000, p. 98). “A possibilidade de resistência, para Foucault, não é essencialmente da ordem da denúncia moral ou da reivindicação de um direito determinado, mas da ordem estratégica e da luta” (CASTRO, 2009, p. 387).





desenhar uma menina teria que pintar a unha dela. Citou ainda que pintou a unha do dedinho para a copa do mundo.

Uma menina disse: Ah! Travesti⁵ é que passa maquiagem.

Promover esse tipo de discussão na escola é no mínimo desafiador, uma vez que vivemos em uma sociedade machista que tem necessidade de normatizar os sujeitos e seus comportamentos, tendo a heterossexualidade masculina como centro, ficando as demais identidades às margens dessa. Entretanto, as crianças, que também estão inseridas nessa sociedade, vivenciam os discursos que circulam no meio midiático e também nos espaços que circulam. Portanto, torna-se necessário que essas questões sejam discutidas e debatidas intencionalmente à medida em que surgem no cotidiano da escola.

Uma menina iniciou outra conversa da seguinte forma: O menino tem dois ouvidos e cabelo curto, a diferença é que menino tem pênis e meninas tem va va va o que mesmo? Completa logo em seguida meio tímida, vagina. Mas nós desenhamos um boneco de roupa.


Os discursos sobre gênero reproduzidos pela sociedade para as crianças, suas funções, o que é ser menino e menina, o que se pode fazer e o que não deve fazer ajuda a construir conceitos que podem refletir diretamente na formação dos mesmos hoje, e posteriormente nas suas ações na vida adulta.

Ao discorrer sobre a fala das crianças sobre os papéis de gênero, a autora Claudia Ribeiro (1996), em seu livro *A fala da criança sobre a sexualidade humana*, abre uma discussão pertinente sobre essa temática. Segundo depoimentos de crianças de variadas idades, no referido livro, podemos compreender seus pensamentos sobre a questão da sexualidade e fica explícito que a construção dos pensamentos sobre gênero se baseiam muito em suas relações sociais.

A ideia de que menino brinca de carrinho, menina brinca de boneca é uma construção histórica, social e cultural. Assim, o gênero nomeado por Joan Scott (1995), como categoria de análise, refere-se às formas da sociedade se organizar de acordo com suas formas de vivenciar a masculinidade e a feminilidade. E cabe salientar que cada criança tem uma

⁵ O termo travesti é denominado às pessoas que nascem com sexo masculino e promovem modificações em seus corpos por questões identitárias, visando deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres, também conhecida como identidade trans. Para Aureliano Lopes Silva Júnior, [...] “população trans”, [é o] segmento que comporta, nesse contexto, travestis e mulheres transexuais. Tanto por ser dotado de especificidades por outrem como também por assumi-las e reivindicá-las como legítimas desta sua identidade trans, tal grupo de travestis e transexuais muitas vezes se concebe e é nomeado como “população trans”. Como afirma Sílvia Aguião (2014), a chamada “política LGBT” no Brasil vem construindo a noção de uma “população LGBT”, da qual travestis, mulheres transexuais e também homens transexuais fazem parte. A chamada “população trans” é concebida ora como inserida na “população LGBT” ora como autônoma a esta, podendo variar de acordo com o contexto político em que é afirmada (SILVA JÚNIOR, 2016, p. 27).





formação social e cultural diferente, logo, umas são educadas com concepções machistas e outras não. O que preocupa em saber a partir desta afirmação é em que medida a escola reforça essas desigualdades. Por isso, é importante que saibamos qual o papel da escola nessa discussão. Essas desigualdades podem ser atenuadas quando são desmistificadas nos processos educativos (MARTINS, 2015).

Podemos entender por meio das reflexões tecidas, que a questão das sexualidades pode ser diferente em sociedades distintas, o que pode ser considerado como estranhamento para uma, para outra pode ser tido como prática comum, e depende da formação do sujeito para que tenha esse estranhamento ou a perceba como vivência de suas expressões. A sexualidade é constituída durante toda a vida do sujeito, perpassando vários aspectos de sua existência.

Logo, torna-se imprescindível perpassar por esse tema nos processos educativos de forma simples e objetiva. Pois, outros aparatos presentes na sociedade como a TV, a internet, as revistas, os programas de rádio e TV, entre outros, discorrem sobre esse tema, muitas vezes de forma fragmentada e deturpada, produzindo discursos descontínuos e desconexos, dos quais a criança se apropria, gerando ansiedade e desconforto (CAMARGO; RIBEIRO, 1999).

A educação para a sexualidade deve ser tratada como qualquer outro tema do currículo, da mesma forma que se discute sobre outros saberes.

Em outro grupo estava desenhada uma menina, disseram que ela estava de vestido porque estava grávida e queria esconder a barriga. Logo, conversamos um pouco sobre gravidez. O porquê de esconder a barriga do desenho foi explicado pela criança, que sua irmã fez isso e não contou para a família, Quando descobriram bateram nela, ela chorou muito. Ela tá errada! Exclama a criança.


Percebi que falta muita informação, diálogo e explicação sobre assuntos referentes às relações de gênero e sobre a sexualidade. O estudo da sexualidade é na maioria das vezes inseparável da discussão sobre as relações humanas.

Outros apontamentos

Por meio dos brinquedos podemos proporcionar o afeto, solidariedade, compreensão que as brincadeiras podem contribuir. É importante que a escola garanta um tempo para o livre brincar, apenas pelo seu prazer. Tanto menina quanto menino devem cuidar de si e do outro nas suas brincadeiras, entender que quem está a fim de brincar tem seu direito garantido.

É função do/a educador/a mediar situações e convidar todos/as à investigação, aproveitar a curiosidade das crianças e incentivá-las na busca pelo saber, pela aprendizagem que a ludicidade proporciona. A brincadeira possibilita à criança vivenciar novas





experiências, estimulando entre outras, habilidades como a capacidade de questionar e experimentar e o desenvolvimento da capacidade do pensamento.

Considerações finais

O/a educador/a necessita refletir sobre suas práticas pedagógicas, criar espaços e tempos que permitam a realização de jogos, brincadeiras, instituindo estratégias que permitam que as crianças exerçam sua criatividade e se expressem, criando e vivenciando outras possibilidades de serem menino e menina, de vivenciarem seus personagens e inventarem outras formas de ser criança. A escola, ainda hoje, é um ambiente transmissor de padrões de sociabilidade, regras de comportamento, valores, parâmetros morais e éticos. Neste processo de socialização, as crianças são influenciadas por pedagogias culturais, que colaboram nos processos construtivos de suas subjetividades.

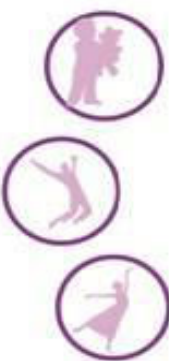
Sobre a perspectiva de gênero, as crianças demonstraram como ele está presente em seu cotidiano e em suas brincadeiras. As ações do PIBID possibilitaram aproximações com o cotidiano da escola por meio das atividades que foram desenvolvidas desafiando a inserção da educação para as Sexualidades e das relações de gênero. Essa proposta visou, ainda, oportunizar reflexões teóricas acerca de diferentes realidades para planejar e por em prática metodologias que contribuam para a superação dos problemas advindos da formação histórica e cultural do povo brasileiro, no que diz respeito à convivência social.

As ações desenvolvidas pelo PIBID proporcionaram ainda a interação entre o ensino superior e a comunidade escolar contribuindo dessa forma com o processo de formação continuada das professoras envolvidas.

Referências

- CANDAU, Vera. **Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos:** Educação em direitos humanos uma proposta de trabalho. Rio de Janeiro: Novameria/PUC-Rio, 1999.
- CASTRO, Edgar. **Vocabulário de Foucault:** um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 477 p.
- FINCO, Daniela. Brincadeiras, invenções e transgressões de gênero na educação infantil. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 3, n. 1, p. 119-134, jan. jun. 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998. 288 p. v. 1.
- MARTINS, Kátia. B.. **A vida como obra de arte?!... Processos educativos com foco nos brincares, nas sexualidades e nas relações de gênero em uma brinquedoteca no sul de**





Minas Gerais. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Lavras, 2015.

RIBEIRO, Cláudia M. **A fala da criança sobre sexualidade humana:** O dito, o explícito e o oculto/ Cláudia Ribeiro – Lavras, MG: Universidade Federal de Lavras; Campinas SP: Mercado de Letras, 1996.

RIBEIRO, Cláudia. M.; SILVA, R. de C. Saberes, poderes, verdades: imbricando rizomaticamente gêneros, sexualidades e (E)educação. **Instrumento:** R. Est. Pesq. Educ., Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010.

RIBEIRO, Cláudia M. e ALVARENGA, Carolina F. “Tranca a Porta! Não deixa elas saírem” – um contexto para emergir as expressões das crianças sobre gênero e sexualidade. **Revista Textura**, n. 32, p. 187-207, set./dez. 2014.

SILVA JUNIOR, Aureliano. L. da. **“Linda, doce, fera”:** a construção de corporalidades políticas no concurso de beleza Miss T Brasil. 2016. 430 f. Tese (Doutorado) em Saúde Coletiva – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, Tomaz. T. da. **Teoria cultural e educação:** um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 128 p.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

